

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM LETRAS

**ESTUDOS INTRODUTÓRIOS AO *DE TROPIS*, DE VENERÁVEL BEDA,
SEGUIDO DE TRADUÇÃO SELETA**

TALINE FREITAS DE MORAES REIS

ORIENTADOR DOUTOR WEBERSON FERNANDES GRIZOSTE

PARINTINS/AM

2025

TALINE FREITAS DE MORAES REIS

**ESTUDOS INTRODUTÓRIOS AO *DE TROPIS*, DE VENERÁVEL BEDA,
SEGUIDO DE TRADUÇÃO SELETA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no âmbito da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II como requisito do curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Amazonas-UEA.

Aprovada em 28/11/2025

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Weberson Fernandes Grizoste
Orientador

Professora Doutora Edinelza Macedo Ribeiro
Banca Interna

Professor Mestre Francisco de Assis Costa de Lima
Banca Externa

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

R375e Reis, Taline Freitas de Moraes
Estudos introdutório ao de tropis, de venerável Beda, seguido de
tradução seleta / Taline Freitas de Moraes Reis. Manaus : [s.n], 2025.
32 f. : ; 21.0 cm.

TCC - Graduação em Letras- Licenciatura- Universidade do Estado
do Amazonas, Manaus, 2025.

Inclui Bibliografia.

Inclui Anexo.

Orientador: Grizoste, Weberson Fernandes.

1. Venerável Beda. 2. Tropos. 3. Figuras. 4. Tradução. I. Grizoste,
Weberson Fernandes (Orient.) II. Universidade do Estado do
Amazonas. III. Título

CDU(1997)81

À minha mãe, meu porto seguro, cuja presença, amor e coragem sustentaram meus dias. Sem ela, nenhum esforço teria encontrado repouso, e nenhum sonho teria encontrado direção. Dedico não apenas estas páginas, mas todos os sonhos que ainda realizarei.

AGRADECIMENTOS

A Deus, agradeço por iluminar cada passo desta caminhada e por me conceder forças nos momentos de incerteza.

À minha mãe Elizama, minha base e maior exemplo de amor e dedicação, deixo minha eterna gratidão por todo apoio e encorajamento.

Ao meu irmão Diego e à minha cunhada Geina, que mesmo distante nunca deixaram de me apoiar e acreditar em mim.

Ao meu irmão Édi, que foi uma motivação constante para seguir em frente.

Ao meu amigo e quase irmão, Denilson, que permaneceu ao meu lado apesar dos desafios da vida. Ao Erick que em meio ao caos foi companhia e incentivo, a vocês ofereço meus sinceros agradecimentos.

Aos meus amigos e companheiros de trajetória acadêmica, Aldicley, Fabrine, Suziane e, especialmente Talia, vocês se tornaram amigos dentro e fora da sala de aula, sou grata por tornarem essa jornada mais leve, compartilhando aprendizados, conversas e risadas.

Por fim, agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Weberson Grizoste, que foi muito além do papel de orientador, foi um amigo, um conselheiro e grande incentivador em todos os momentos. Sua orientação e confiança foram fundamentais para que este trabalho se concretizasse.

A todos vocês, meu mais profundo e emocionado agradecimento. Este trabalho também é de vocês.

RESUMO

A presente pesquisa tem o objetivo de realizar uma análise introdutória aos tropos de Venerável Beda, detendo-se em alguns mais específicos, contextualizando a retórica clássica, a qual visa compreender o seu percurso de formação, reconhecendo a sua importância enquanto arte de organizar o discurso. Beda reorganiza e explica no total de treze tropos, figuras de mudança de sentido, que ele utiliza para a interpretação da Bíblia. Esses tropos são adaptados para o conceito cristão, sendo definidos de modo conciso e exemplificados com as passagens bíblicas.

Palavras Chaves: Venerável Beda; tropos; figuras; tradução.

ABSTRACT

The present research aims to provide an introductory analysis of the tropes of the Venerable Bede, focusing on some more specific ones, contextualizing classical rhetoric, which seeks to understand its trajectory of formation, recognizing its importance as the art of organizing discourse. Bede reorganizes and explains a total of thirteen tropes, figures of change of meaning, which he uses for the interpretation of the Bible. These tropes are adapted for the Christian concept, being defined concisely and exemplified with biblical passages.

Keywords: Venerable Bede; tropes; figures; translation.

INTRODUÇÃO

O interesse em iniciar esta pesquisa nasce de uma curiosidade particular acerca do funcionamento da linguagem no discurso persuasivo, sobretudo no uso das figuras de linguagens como instrumentos na construção de sentido. O estudo da retórica desde sua origem revela a importância da linguagem não apenas como meio de comunicação, mas como instrumento de persuasão e intervenção na realidade.

A presente pesquisa tem como objetivo realizar uma análise introdutória dos tropos descritos por Venerável Beda em *De Schematibus et tropis*, compreendendo sua definição, função e aplicabilidade no contexto retórico e hermenêutico medieval. Apesar de Beda enumerar treze tropos em sua obra, a brevidade de tempo imposta pela elaboração deste trabalho exige delimitação do *corpus* estudado. Assim, sete tropos foram selecionados para tradução do latim para o português, sendo que, entre eles, três foram escolhidos para uma análise mais específica.

A seleção desses três tropos segue o critério eminentemente pedagógico e metodológico: opta por aqueles cuja compreensão se mostra mais acessível ao leitor contemporâneo e que permitem uma abordagem analítica mais consistente dentro dos limites do presente estudo. A tradução dos sete tropos selecionados se encontra em anexo no final deste trabalho, como material suplementar, a fim de ampliar o acesso e a compreensão do texto de Beda.

Para alcançar os objetivos propostos, esta pesquisa estrutura-se em dois tópicos principais. O primeiro tópico dedica-se a contextualizar o leitor no universo da retórica clássica. No subtópico 1.1. trata-se dos estudos acerca da retórica: origens, conceitos e desenvolvimento. Apresenta-se um panorama histórico que abrange seu surgimento na Grécia antiga, sua sistematização e as principais definições que moldaram a disciplina. Em seguida, o subtópico 1.2. os tropos são apresentados na tradição retórica, examina o desenvolvimento dos tropos ao longo da história da retórica, destacando sua função na construção de sentido e sua presença nos tratados clássicos que exercem influência sobre autores medievais, como Cícero e Quintiliano. Essa primeira parte oferece o arcabouço necessário para compreender a obra de Beda.

O segundo tópico concentra-se especificamente em Venerável Beda e na análise dos tropos selecionados. O subtópico 2.1. detém-se sobre sua vida e obra apresenta um panorama bibliográfico e intelectual do autor, ressaltando sua formação monástica, sua dedicação aos estudos bíblicos e sua contribuição para a cultura letrada. Na sequência, o

subtópico 2.2. é feito de análise de alguns tropos de Beda expõe a leitura interpretativa dos três tropos escolhidos para análise, articulando tradução, explicação morfosintática, contextualização conceitual e comparação com a tradição retórica clássica. A análise busca evidenciar como Beda compreende e aplica esses tropos no âmbito da exegese cristã, demonstrando seu método e sua capacidade de adaptar os modelos clássicos às necessidades do discurso religioso.

Desta forma, este trabalho pretende contribuir para a compreensão da continuidade dos estudos retóricos, destacando como o Venerável Beda reinterpretou a tradição clássica e a colocou a serviço da hermenêutica cristã. A partir da articulação entre tradução, análise e contextualização teórica, espera-se proporcionar ferramentas adequadas para compreender a relevância dos tropos Bedanos e seu papel no desenvolvimento do pensamento retórico.

1. RETÓRICA CLÁSSICA

1.1 - Estudos acerca da retórica: origens, conceitos e desenvolvimento

A retórica, entendida como a arte de convencer por meio do discurso, possui um percurso histórico extenso, cujo nascimento remonta à Grécia antiga. Propõe-se uma definição essencial para a retórica clássica, que serve como ponto de partida para a compreensão de seus conceitos, “retórica é a arte de persuadir pelo discurso” (Reboul, XIV, 2004). No decorrer do desenvolvimento da retórica, ela dividiu-se em duas vertentes, a primeira como uma arte essencialmente vinculada à prática jurídica e a segunda sendo de natureza literária.

Seu surgimento está intimamente ligado às necessidades sociais da pólis grega, particularmente na Sicília por volta de 465 a.C., quando cidadãos precisavam defender-se e pleitear seus direitos nos tribunais (REBOUL, 2004, p. 2). Nesse contexto, a retórica emergiu como resposta a uma necessidade social, sobretudo após as reformas políticas que permitiram a retomada das terras confiscadas. Diante da ausência de advogados, os próprios indivíduos precisavam construir seus argumentos e apresentá-los em sua defesa. Assim, a retórica se configura, primeiramente, como uma técnica argumentativa voltada à persuasão no âmbito jurídico, iniciada por Corax e seu discípulo Tisias:

Certo Córax, discípulo do filósofo Empédocles, e o seu próprio discípulo, Tísias, publicaram então uma “arte oratória” (tekhné rhetoriké), coletânea de preceitos práticos que continha exemplos para uso das pessoas que recorressem à justiça. Ademais, Córax dá a primeira definição da retórica: ela é “criadora de persuasão. (REBOUL, 2004, p. 2).

A segunda vertente é de natureza literária, com Górgias (487-380 a.C.) surge uma nova fonte retórica, estética e propriamente literária (Reboul, 2004, p. 4), um dos fundadores do discurso epidítico, ele foi responsável por elevar o valor estilístico e expressivo do discurso, contribuindo para a sofisticação da eloquência. Se na origem judiciária a retórica se afirmava pelo conteúdo argumentativo, em sua origem literária ela destaca o papel do estilo, da expressividade e da performance.

Para os gregos antigos, a literatura era sinônimo de poesia, e a prosa era reservada exclusivamente para a comunicação comum. Górgias, porém, elevou a prosa a um novo patamar artístico. Ele introduziu uma forma de escrita erudita e musical, marcada pelo uso abundante de recursos estilísticos, como figuras de palavra, sentido e pensamento. Essa falta de simplicidade em seus discursos acabou gerando objeções por parte de alguns críticos. Consolidou-se a ideia de que persuadir não depende apenas da força lógica dos argumentos, mas também da forma como são apresentados e da capacidade de despertar sentimento no público.

Partindo dessas vertentes, a retórica associou-se aos pensamentos sofistas, que ensinavam técnicas de persuasão em troca de pagamento. Entre eles, especialmente Protágoras (486 – 410 a.C.), cuja afirmação de que o homem é a medida de todas as coisas. Conhecido por ensinar as técnicas erísticas, “arte de vencer uma discussão contraditória”, técnica a qual fazia o uso de sofismas pouco confiáveis (REBOUL, 2004, p. 7). Para os sofistas não existia verdade absoluta, havia discursos mais ou menos eficazes; essa perspectiva colocou a retórica no centro das práticas democráticas da pólis, pois a capacidade de argumentar tornou-se essencial para participar da vida pública.

A partir do século V, Isócrates (436-338 a.C.), mestre de retórica, propõe uma retórica mais plausível e mais moral que a dos sofistas (Reboul, 2004, p. 10). Assim, ele faz a separação dos sofistas e da retórica. Ao contrário dos sofistas, que defendiam a possibilidade de ensinar a arte da persuasão a qualquer um, Isócrates sustentava que a oratória exige mais do que apenas prática constante e técnica sistemática; é fundamental que o indivíduo possua também uma aptidão natural.

O avanço da retórica provocou debates; Platão (428 ou 427 – 348 ou 347 a.C.) dedicou-se a criticar a retórica, argumentando que a arte do discurso, desvinculada do

verdadeiro, não existe (Reboul, 2004, p. 18). Em diálogo com Górgias, ele questiona o valor da retórica desprovida de compromisso com a verdade.

O marco decisivo para a consolidação da retórica enquanto disciplina sistematizada ocorreu com Aristóteles (384-322 a.C.), cujo tratado *Retórica* organizou de maneira rigorosa os elementos fundamentais do campo. Estabeleceu os fundamentos teóricos da disciplina, definindo-a como a capacidade de descobrir o que é apropriado em cada caso para persuadir.

“É, pois, evidente que a retórica não pertence a nenhum gênero particular e definido, antes se assemelha a dialética. É também evidente que ela é útil e que sua função não é persuadir, mas discernir os meios de persuasão mais pertinentes a cada caso, tal como acontece em todas as outras artes” (*Retórica*, I, 1355b).

Ele define a retórica como a capacidade de descobrir o possível meio de persuasão em cada caso, estabelecendo, assim, as bases teóricas que viriam a ser desenvolvidas e aperfeiçoadas nos séculos seguintes. O filósofo ressalta que não se deve menosprezar a utilidade e o valor da retórica apenas pela possibilidade de seu uso mal-intencionado. “Todos os oradores devem, necessariamente, servir-se, nos seus discursos, do possível e do impossível e tentar demonstrar, para uns, como serão as coisas, para outros, como foram.” (ARIST. *Ret.* II, 1391b). Ele insere essa arte no domínio do verossímil, visto que os temas que ela aborda, como os de natureza judiciária e política, não se encontram no mesmo plano da verdade científica.

Com o desenvolvimento do pensamento filosófico, a retórica foi sistematizada como uma disciplina que não apenas ensinava a argumentar, mas também a ordenar o discurso e a embelezá-lo. Partindo dessa sistematização, o discurso retórico persuasivo, que tinha a função de atuar através da busca pelos argumentos (*Inventio*), definidos em logos (palavra e razão), o caráter que o orador deve assumir (*ethos*), as emoções e desejos do auditório (*pathos*).

Embora a retórica tenha sofrido inúmeras transformações e adquirido novos sentidos após Aristóteles, culminando em sua chegada a Roma, focaremos em sua origem e transformações iniciais.

O desenvolvimento da retórica prosseguiu no período latino, onde alcança seu apogeu, sistematizada por autores como Cícero e Quintiliano, que integram ao discurso jurídico e deliberativo uma crescente preocupação com a *elocutio*, e a eficácia estilística do discurso. Nesse contexto, surgem os estudos sobre as figuras de linguagem, entendidas

como recursos que atuam tanto no plano da ornamentação quanto no da clareza argumentativa.

A partir desse momento, com a contribuição dos retóricos latinos, observa-se uma ampliação da retórica, que passa a incorporar não apenas a persuasão racional, mas também a preocupação com a ornamentação do discurso, inaugurando uma dimensão estética e estilística da prática retórica. A transição da antiguidade para a idade média implicou não apenas a conservação de saberes retóricos, mas também sua ressignificação.

1.2 - Tropos na tradição retórica

A tradição retórica, desde a antiguidade, sempre se preocupou em compreender os modos pelos quais a linguagem afeta o pensamento, a interpretação e, sobretudo, a persuasão. Nesse horizonte, os tropos constituem instrumentos fundamentais da *elocutio*, isto é, da fase da produção discursiva dedicada ao estilo e à ornamentação, mas que, longe de serem meros adornos, cooperam diretamente para o impacto intelectual e argumentativo do discurso.

Em seu tratado, Lausberg (1967) apresenta a retórica como uma ciência sistemática que elabora “formas de pensamento e linguagem as quais podem servir à finalidade de quem discursa para obter, em determinada situação, o efeito que pretende” (Lausberg, 1967, p. 75). As teorias modernas da retórica apresentam análises distintas sobre as figuras de linguagem. Essa perspectiva, embora fundamentada na tradição clássica, dialoga com uma abordagem moderna, destacando-se, Reboul (2004), que classifica as figuras de linguagem em figura de palavra, sentido, construção e pensamento (Reboul, 2004 P. 114), afirma que só é propriamente retórica quando exerce função persuasiva (Reboul, 2004 P. 113). Assim, toda figura, incluindo os tropos, deve ser interpretada não apenas como um desvio formal, mas como um recurso argumentativo destinado a orientar a compreensão.

Para compreender com maior profundidade a posição dos tropos dentro do sistema retórico, é indispensável recorrer à distinção clássica estabelecida por Quintiliano (30 d.C.? - 95d.C.):

Por isso, tanto mais se faz necessário estabelecer a diferença entre esses dois tipos. Portanto, tropo consiste na transferência da significação natural e principal de uma expressão para outra por razões de adorno estilístico, ou como definem muitos gregos, uma expressão transposta do lugar que lhe é próprio para outro em que o significado não é o próprio. A figura, segundo o próprio nome revela, é certa convergência distante da expressão relativa a uma noção comum e primeira.

O orador latino, define os tropos como significação natural e principal de uma expressão para outra por razões de adorno estilístico. O que os diferencia é sobretudo, a natureza da alteração linguística que produzem.

O tropo é como uma translação de sentido, isto é, o emprego de uma palavra em um significado diverso daquele que é próprio ou usual, essencialmente semântico, não apenas formal. A figura, por sua vez, é convergência distante da expressão relativa a uma noção comum e primeira, um modo especial de construir ou organizar o pensamento e as palavras no discurso, sem alterar o significado básico dos termos, portanto, procedimentos estilísticos ou discursivos que afetam a forma, a estrutura, e a maneira de dizer.

É na seção de estilo (*elocutio*) que os tropos encontram seu lugar de destaque, servindo ao objetivo de *ornatus*. O termo tropo, em grego, significa volta, mudança, sentido, definido como uma figura de sentido.

O olho escuta... Esta estranha metáfora de Claudel poderia levar a pensar em “desvio”, transgressão da norma lexical segundo o qual o olho deve enxergar e não se intrometer no serviço vizinho... Mas, restabelecendo-o o termo próprio, perde-se o sentido, pois o olho que “escuta” uma obra de arte compreende-a, e compreende-a porque lhe obedece. Portanto, *escuta* é o termo exato. (...) em outras palavras, a figura de sentido desempenha o papel lexical; não acrescenta palavra ao léxico, mas enriquece o sentido da palavra.
(Reboul, 2004, p. 120)

Portanto, lida com a semântica, com aquilo que é dito, alterando o significado base por um efeito estilístico e cognitivo, os tropos são ferramentas essenciais que transcendem seu significado literal para enriquecer a comunicação.

Eles são desvios intencionais da expressão comum, atuando como verdadeiras voltas ou modificações no sentido das palavras, tornando o discurso mais persuasivo.

Lausberg define o tropo como:

O *Tropus* é a volta da seta semântica de um corpo de palavra, o qual, de um conteúdo primitivo, passa para um outro conteúdo. A função principal dos tropos é o estranhamento que funcionalmente convém ao *ornatus*.

(Lausberg, p.143, 1967)

Ele esclarece que o tropo é a substituição de uma palavra por outra, resultando na alteração do sentido próprio para o sentido figurado. A função do tropo é, portanto, criar um desvio de sentido que, longe de ser um erro gramatical, é um recurso estilístico que enriquece o discurso e chama a atenção do público.

Portanto, distinguem-se dois domínios semânticos mais importantes:

O que podemos observar em seu tratado (Lauberg, 1967, p. 144) define tropo de alteração de limite: como o caso em que o tropo opera dentro do mesmo campo semântico ou entre campos muito próximos, por exemplo, entre “homem”, “indivíduo” e “guerreiro”. O desvio é mínimo, porque o termo novo continua dentro do mesmo conjunto de significações possíveis. Há apenas mudança de fronteira (alteração limite), o termo substituído desloca ligeiramente a extensão ou a intensão do significado, sem romper o vínculo de parentesco. Esse tipo de tropo cumpre função retórica específica, refina ou especializa o conceito, oferecendo precisão, valor emocional, sem comprometer a clareza do discurso.

Tropo de salto: descreve os tropos em que a substituição não respeita o campo semântico original. Entre “guerreiro” e “leão”, por exemplo, não há nenhuma relação de parentesco semântico convencional. A ligação só se constrói por imaginação e interpretação figurada. Esse deslocamento exige um salto interpretativo para que o receptor compreenda o significado figurado. Esse tipo de tropo costuma aparecer em discursos que buscam exageração, força emocional ou condensação simbólica, ativando mecanismos cognitivos que enriquecem o entendimento.

Partindo desse princípio, trataremos dos principais tropos que derivam todos os outros, sendo eles: a metáfora, a metonímia, e a sinédoque.

1.2.1 Metáfora:

“A metáfora é a substituição de um, *verbum proprium* (guerreiro) por uma palavra, cujo significado entedido *proprie*, está numa relação de semelhança com o significado *proprie* da palavra substituída (leão)” (Lausberg, p. 163, 1967).

Conforme Reboul (2004), a metáfora designa uma coisa com o nome de outra que tenha com ela uma relação de semelhança. Trata-se de uma figura de analogia, uma alteração de uma expressão para outra com relação de semelhança.

É, portanto, o tropo de salto por excelência, já que transfere o sentido para um domínio semântico distante, fundado na analogia e na imaginação.

A função retórica da metáfora, desde Aristóteles, consiste em iluminar, condensar e intensificar significados. Ela não apenas ilustra, mas reconfigura a percepção ao apresentar um conceito por meio de outro, permitindo uma compreensão mais vívida ou

expressiva. Assim, seu poder persuasivo repousa na capacidade de criar uma visão inesperada e emocionalmente eficaz.

1.2.2 Metonímia:

“A metonímia designa uma coisa pelo nome de outra que lhe está habitualmente associado” (Rebou, 2004, p. 121). Trata-se, portanto, de um tropo de alteração de limite, a substituição ocorre dentro do campo semântico contíguo, como pausa pelo efeito, autor pela obra, lugar pelo produto.

Sua função retórica é conferir concisão, movimento e ênfase ao discurso, tornando-o mais eficiente e direto. A metonímia, ao selecionar um detalhe ou um elemento associado, orienta a interpretação do destinatário para o aspecto que o orador deseja destacar.

1.2.3 Sinédoque:

“A sinédoque distingue-se da metonímia por designar uma coisa por outra que tem com ela uma relação de necessidade, de tal modo que a primeira não existiria sem a segunda” (Rebou, p. 121. 2004). Lausberg complementa que “a sinédoque consiste numa alteração da designação da coisa que se pretende referir, no plano do conteúdo conceptual, processo no qual o limite do conteúdo conceptual pode ultrapassar por essa designação com origem nos tropos ou pode não ser alcançado por essa mesma designação” (Lausberg, 1967, p. 150).

Esse tropo situa-se, majoritariamente, entre tropos de alteração de limite, embora algumas sinédoques possam adquirir caráter interpretativo mais amplo. Do ponto de vista retórico, produz efeito de generalização, especificação e intensidade temática, dependendo da direção da transferência.

A sinédoque orienta a atenção para o aspecto essencial ou representativo de um conceito, permitindo que o orador controle a amplitude semântica com precisão estratégica. Portanto, os tropos são mais do que simples desvios linguísticos, são estratégias fundamentais no processo persuasivo da retórica.

2. BEDA VENERABILIS

2.1. A vida e obra de Venerável Beda

Beda nasceu por volta de 672/673 em Jarrow, no atual Reino Unido. Órfão desde cedo, foi entregue aos sete anos como ablato à abadia de Wearmouth, um dos mais importantes centros monásticos e culturais da Nortúmbria. Ali recebeu toda sua formação intelectual e espiritual. Aos dezenove anos foi ordenado diácono e, aos trinta, sacerdote.

Embora chamado pelo Papa Gregório II a ir a Roma, Beda preferiu permanecer em Jarrow, saindo apenas para contribuir na estruturação da célebre escola de York.

Segundo relata em sua biografia na *História eclesiástica das gentes Anglo*, dedicou sua vida a aprender, ensinar e escrever, pilares de sua vocação monástica. Sua produção intelectual é vasta, cerca de quarenta e cinco obras, e abrange escritos didáticos, histórico-biográficos, teológico-exegéticos e poéticos.

Entre suas obras mais conhecidas está a *História eclesiástica das gentes Anglo* (731), principal fonte para o estudo da cristianização e formação cultural dos anglosaxões. Outra obra fundamental é *Sobre a contagem do tempo*, na qual analisa e calcula a Páscoa e o fluxo do tempo litúrgico.

Além disso, compôs manuais dedicados à linguagem, entre eles o *De schematibus et tropis*, que trata do funcionamento retórico e figurativo da língua latina. No conjunto, suas obras não apenas transmitem conhecimento, mas formam leitores competentes da escritura. Para Beda, a retórica não é um mero adorno estilístico, é um instrumento hermenêutico que permite ao leitor compreender vários níveis de sentido da Bíblia.

Não houve uma canonização formal de Beda, mas seu prestígio levou ao reconhecimento de título de Venerável no concílio da Aquisgrana, em 816.

Até o fim de sua vida, aos cinquenta e nove anos, continuou ensinando e escrevendo, faleceu em 735, sendo inicialmente sepultado em Jarrow e depois trasladado para Durhan, onde ainda repousa.

2.2. Análise de alguns tropos de Venerável Beda

Este tópico apresenta figuras de linguagem selecionadas da obra do Venerável Beda: metáfora, metonímia e sinédoque, seguidas pelo texto original em latim, nossa tradução e uma análise das interpretações.

2.2.1 Tropos de Beda:

Antes consiste-se em saber o que é o tropo nas palavras de Venerável Beda:

“Tropus est dictio translata a propria significatione ad non propriam similitudinem, ornatus necessitatis ve causa. Sunt autem tropi, qui Latine modi vel mores interpretari possunt, numero tredecim, videlicet: metaphora, katachresis, metalepsis, metonymia, antonomasia, epitheton, synecdoche, onomatopoeia, periphrasis, hyperbaton, hyperbole, allegoria, homoeosis”

Tradução:

O Tropo é uma expressão transferida de seu significado próprio para um não próprio, por semelhança, por ornamento ou necessidade. Os *Tropos*, que em latim podem ser interpretados como modos ou maneiras, são em número de treze, a saber: Metáfora, Catacrese, Metalepses, Metonímia, Antonomásia, Epíteto, Sinédoque, Onomatopeia, Perífrase, Hipérbato, Hipérbole, Alegoria, Homeose.

2.2.2 Da Metáfora:

“1. De metaphora. Metaphora est rerum verborumque translatio. Haec fit modis quatuor: ab animali ad animal: ab inanimali ad inanimal: ab animali ad inanimal: ab inanimali ad animal. Ergo: Ab animali ad animal ita fit, ut Quare fremuerunt gentes? Et: Dominus qui eripuit me de ore leonis, et de manu ursi. et: Si sumpsero pennas meas ante lucem. Nam et homines et bestiae et volucres animam habent. Ab inanimali ad inanimal, ut: Aperi, Libano, portas tuas. Et: Qui perambulat semitas maris. Translatio est enim a civitate ad montem, et a terra ad mare, quorum nullum animam habet. Ab animali ad inanimal, ut: Exsiccatus est vertex Carmeli. Homines enim, non montes, verticem habent. Ab inanimali ad animal, ut: Auferam a vobis cor lapideum. Non enim lapis, sed populus animam habet. Hic autem tropus et ad Deum fit multifarie. A volucris, ut: Sub umbra alarum tuarum protege me. A feris, ut: Dominus de Sion rugiet. A membris humanis, ut: Quis mensus est pugillo aquas, et coelos palmo ponderavit? Ab homine interiore, ut: Inveni David filium Jesse, virum secundum cor meum. A motibus mentis humanae, ut: Tunc loquetur ad eos in ira sua. Et,: Poenitet me hominem fecisse.

Et: Zelatus sum Sion zelo magno. Et innumera hujusmodi. A rebus insensibilibus, ut: Ecce ego stridebo super vos, sicut stridet plastrum onustum feno. Qui videlicet tropus et in communi locutione usitatissimus est, cum dicimus fluctuare segetes, gemmare vites, floridam juventutem, et lacteam canitiem.”

Tradução:

“1. **Acerca da metáfora.** A metáfora é a transferência de coisas e palavras. Esta é feita de quatro modos: do ser animado para o ser animado; do inanimado para o inanimado; do ser animado para o inanimado; do inanimado para o animado. Portanto: do ser animado para o ser animado, isso acontece, como “Por que as nações se enfureceram?” ¹[Salmos 2:1] E, “o senhor que me livrou da boca do leão e da mão do urso” [I Samuel 17:37]. Também em: “se eu tomar minhas asas de luz” [Salmos 139 (138): 9]. De fato, os homens, as bestas e as aves possuem alma. Do inanimado para o inanimado, como: “abre, ó Líbano, as tuas portas” [Zacarias 11:1]. Também: “os que percorrem os caminhos do mar” [Salmos 8:9]. Pois a transferência é da cidade para o monte e da terra para o mar, dos quais nenhum tem alma. Do ser animado para o inanimado, como em: “secou-se a cabeça do Carmelo” [Amós 1:2]. Os homens, na verdade, e não os montes possuem cabeça. Do inanimado para o animado, como em: “Retirarei de vós o coração de pedra” [Ezequiel 11:19]. Em verdade, não é a pedra, mas o povo que tem alma. Este, porém, é o Tropos em que Deus se realiza de muitas maneiras. Das aves, como: “me protege debaixo de tua sombra” [Salmos 17 (16):8]. Das feras, como: “o Senhor rugirá a partir de Sião” [Joel 3:16]. Dos membros humanos, como no *Salmo* 16: “Quem mediu as águas com punho e pesou os céus com a palma?” [Isaías 40:12]. Do homem interior, como em: “encontrei Davi, filho de Jessé, homem segundo o meu coração” [Atos 13:22]. Dos movimentos da mente humana: como em: “Então falará com eles em sua ira” [Salmos 2:5]. E: “arrependo-me de ter criado o homem” [Gênesis 6:7]. E em: “tive zelo por Sião, grande zelo” [Zacarias 8:2]. E incontáveis exemplos do mesmo tipo. Das coisas insensíveis, como em: “eis que rugirei sobre vós assim como range um carro carregado de feno” [Amós 2:13].

¹ As passagens bíblicas aqui empregadas seguem as referências presentes nas notas do Halm. *Rhetores Latini Minores*. As referências foram mantidas conforme a organização tradicional dos livros da bíblia, preservando a fidelidade ao texto e ao modo como o autor articula os exemplos. (AJEITAR)

Este tropo, de fato, é o mais comum na linguagem cotidiana, quando dizemos: os trigais ondulam, as vinhas brotam, a flor da juventude e a brancura leitosa da velhice.”

Beda define a metáfora como uma transferência de coisas e palavras, retomando a tradição retórica clássica, mas dando-lhe um sentido próprio, diretamente vinculado à leitura das escrituras. Diferentemente de Quintiliano, que definia como um recurso necessário para nomear aquilo para o qual falta vocabulário direto. Beda a compreende também como instrumento hermenêutico, uma forma pela qual Deus comunica realidades espirituais por meio de imagens. Nesse sentido ele classifica em quatro tipos, que distinguem a transferência entre seres animados e inanimados, uma preparação para a interpretação bíblica.

O primeiro tipo de metáfora é a transferência do animado para o animado, e exemplifica utilizando o versículo “Por que as nações se enfurecem?” (salmo 2:1).

Atribuir às nações a capacidade de enfurecer-se, trata-se de expressar, por meio de um sentimento humano, a rebeldia espiritual dos povos contra Deus. Da mesma forma, quando se diz “o senhor que me livrou da boca do leão e da mão do urso” (I Samuel 17:37), a metáfora “boca” e da “mão” não é comum; lê nesses termos a intensificação de ameaça, pois animais possuem força, mas não “mãos” no sentido humano. A linguagem metafórica eleva a força das imagens para que o leitor compreenda profundamente o perigo enfrentado.

O segundo tipo de metáfora é a transferência do inanimado para o inanimado. Beda cita “Abre, ó Líbano, tuas portas” (Zacarias 11:1). Essa metáfora amplia o sentido profético, ao tratar Líbano como cidade, o texto sugere que a abertura representa tanto exposição ao juízo divino quanto a revelação de algo oculto. De modo semelhante, “os que percorrem os caminhos do mar” (Salmo 8:9), o mar é figurado como terra firme, permitindo ao leitor perceber que mesmo o espaço do caos, no universo bíblico, está sujeito à ordem divina. Podemos interpretar essa metáfora como sinais de que o mundo criado, ainda que inanimado, participa da linguagem, tornando-se veículo para expressar o domínio de Deus.

O terceiro tipo de metáfora é do animado para o inanimado, como citado por Beda, o versículo: “secou-se a cabeça do Carmelo” (Amós 1:2). Atribuir “cabeça” a um monte é um modo de a escritura indicar que a parte mais alta do, mais forte ou mais representativa do território foi atingida pela destruição. Assim, essa metáfora orienta a

leitura espiritual, não é apenas um monte físico que sofre, mas aquilo que ele simboliza, a liderança de Israel ou o orgulho humano.

O quarto tipo de metáfora é do inanimado para o animado, como exemplo bíblico citado “Retirarei de vós o coração de pedra” (Ezequiel 11:19). A pedra, elemento inanimado, é aplicada ao coração, sede das decisões humanas. Essa transferência não é apenas expressiva; ela revela a condição espiritual do povo, um coração endurecido pela obstinação. É possível compreender através dessa metáfora a linguagem sensorial, uma realidade interna invisível. A mudança de “coração de pedra” para “coração de carne” indica o processo de conversão que o próprio Deus realiza.

Ainda após expor esses tipos de metáfora, Venerável Beda amplia a contextualização, mostrando que a escritura utiliza tropos para falar do próprio Deus. No versículo utilizado como exemplo diz: “me protege debaixo de tua sombra” (Salmos 17 (16):8). Nesse trecho, Deus é comparado com uma ave que acolhe seus filhos, ele utiliza a metáfora para manifestar a misericórdia divina sob a figura familiar e concreta, a linguagem torna compreensível a proteção espiritual.

Da mesma forma, em: “o Senhor rugirá a partir de Sião” (Joel 3:16), o rugido do leão indica força irresistível do juízo divino; não se trata de atribuir ferocidade a Deus, mas de comunicar sua justiça por meio da imagem mais forte conhecida por todos.

As metáforas que atribuem a Deus “punho”, “palma”, “ira”, “zelo” não devem ser tomadas literalmente, mas são instrumentos para o ser humano compreender as ações divinas. Quando a escritura fala da ira “Então falará com eles em sua ira” (Salmos 2:5) ou do seu zelo “tive zelo por Sião, grande zelo” (Zacarias 8:2), vê-se a metáfora que descreve não emoções humanas projetadas em Deus, mas a firmeza de sua justiça e seu amor.

Por fim, observa-se que a metáfora tirada de elementos insensíveis como: “eis que rugirei sobre vós assim como range um carro carregado de feno” (Amós 2:13) mostra como a escritura utiliza imagens cotidianas para esclarecer realidades espirituais. Assim como um carro sobrecarregado emite ruído, também o pecado excessivo do povo range diante de Deus, transformando um fenômeno físico em revelação moral. Desse modo, Venerável Beda demonstra que a metáfora, longe de ser apenas um recurso estilístico, é via de acesso aos sentidos profundos das escrituras. Cada exemplo citado por ele mostra como a transferência de termos, seja entre animados e inanimados ou entre homem e Deus, serve para revelar aquilo que não pode ser expressado de modo direto.

2.2.3 Da metonímia:

“2. Metonymia est quaedam veluti transnominatio, ab alia significatione ad aliam proximitatem translata. Hujus sunt multae species. Per id quod continet id quod continetur ostendit, per id quod continetur id quod continet, per inventorem id quod inventum est, per inventum inventorem, per efficientem id quod efficitur, per id quod efficitur efficientem. Per id quod continet id quod continetur, ut: Effundens hydriam in canalibus; aut contra, Accipe litteras tuas; neque enim hydria effundebatur, sed quod in ea continebatur; nec litterae in manus, sed charta quae litteras continet assumitur. Et iterum: Dimitte eam, et vadat, et aspicietis. Non enim arca, sed plastrum quo continebatur aqua, vel boves qui ducebant plastrum, ire poterant. Haec et per efficientem id quod fit, et, e contra, per hoc quod fit efficientem designat.”

Tradução:

“2. Metonímia é uma forma de “transnominção”, uma transferência de significado de uma coisa para outra por contiguidade. Possui muitas espécies. Ela mostra: pelo que contém, aquilo que é contido; pelo que é contido, aquilo que contém; pelo inventor, o que foi inventado; pelo inventado, o inventor; pelo agente, o que é produzido; e, ao contrário, pelo que é produzido, o agente. Pelo que contém aquilo que é contido, como em: “Derramando o cântaro no bebedouro” [Gênesis 24:20]; ou ao contrário: “recebe tuas correspondências”; pois não se derramava o cântaro, mas o que nele estava contido; nem as correspondências (em si) são recebidas nas mãos, mas o papel que as contém é que é tomado. E de novo: “Deixa-a ir, e ela partirá, e vós vereis” [I Samuel 6:8]. Pois não era a arca que podia partir, mas o carro em que a arca era transportada, ou os bois que puxavam o carro. Esses exemplos também representam os casos em que, pelo agente, designa-se o efeito, e, ao contrário, pelo efeito, designa-se o agente.”

Venerável Beda define a metonímia como uma forma de transnominção, uma transferência de significado baseada em contiguidade entre as realidades nomeadas. Ele afirma que a metonímia pode ocorrer de muitas formas: o conteúdo pelo recipiente, o

recipiente pelo conteúdo, o inventor pela invenção, a invenção pelo inventor, o agente pela ação e a ação pelo agente.

Esses tipos de tropos, embora também reconhecidos na tradição retórica clássica, são organizados por Beda com finalidade prática, de mostrar ao leitor da Bíblia como essas trocas ocorrem no texto sagrado e como devem ser compreendidas.

O primeiro exemplo citado por Beda é: “Derramando o cântaro no bebedouro” (Gênesis 24:20). A metonímia se dá pelo recipiente usado no lugar do conteúdo. O cântaro não é derramado; derrama-se a água que está dentro dele. Reconhecer essa figura não é apenas uma precisão gramatical; ela mostra a forma como a escritura descreve ações humanas de modo condensado, concentrando a narrativa no objeto mais visível do gesto.

Isso permite compreender o cuidado em servir a água gesto que é apresentado de maneira simples, porém carregado de significados morais e simbólicos. A figura ajuda a perceber o movimento do texto sem atribuir à cena um sentido literal.

O segundo exemplo reforça o movimento inverso: “recebe tuas correspondências”, não são as correspondências em sentido abstrato que a mão recebe, mas o papel que as contém. A escolha do termo enfatiza o aspecto comunicativo do gesto, o sentido transmitido e não o suporte material. Beda destaca esse ponto para mostrar que a palavra de Deus focaliza a dimensão espiritual, mesmo quando emprega imagens concretas. A metonímia nesse caso, é usada para deslocar a atenção do objeto físico (papel) para o ato de comunicar-se, que é o núcleo da ação descrita.

O terceiro exemplo possui interesse para a leitura bíblica: “Deixa-a ir, e ela partirá, e vós vereis” (I Samuel 6:8). A ação da locomoção refere-se à arca da aliança. Atribuir movimento à arca faz com que o texto ponha em destaque a realidade simbólica que ela representa, a presença de Deus, mais do que os elementos materiais transportados.

Esse tipo de construção não é acidental; é parte da didática divina da escritura. A palavra de Deus, ao empregar metonímia, junta realidades complexas em expressões simples e assim, convida o leitor a ultrapassar o nível literal para alcançar significados espirituais. Ao reconhecer que um termo substitui outro por proximidade, o leitor percebe que a ação descrita tem uma dimensão simbólica mais profunda.

2.2.4 Da Sinédoque:

3. “Synecdoche est significatio pleni intellectus capax, cum plus minusve pronuntiat; aut enim a parte totum ostendit, ut: Verbum

caro factum est. Et: Eramus vero in nave, universae animae ducentae septuaginta sex. Aut contra, ut: Ergo propter Parasceven Judaeorum, quia juxta erat monumentum ubi posuerunt Jesum.”

Tradução:

“3. Da sinédoque. Sinédoque é uma forma de expressão capaz de significar um sentido completo, mesmo quando diz mais ou menos do que se entende; com efeito, ou mostra o todo pela parte, como em: “O Verbo se fez carne” [João 1:14]. E em: “Estávamos, de fato, no navio, duzentas e setenta e seis almas ao todo” [Atos 27:37]. Ou, ao contrário, a parte pelo todo, como em: “Então, por causa da Páscoa dos judeus, e por estar perto aquele sepulcro, colocaram Jesus” [João 19:42].”

Beda descreve a sinédoque como um tropo que é capaz de significar um sentido completo, mesmo quando a expressão diz mais ou menos do que se entende.

Ele nos apresenta inicialmente, o tipo mais frequente de sinédoque, o todo expresso pela parte. No seu primeiro exemplo: “O Verbo se fez carne” (João 1:14). Aparentemente, o texto afirma apenas que o verbo se fez “carne”, a palavra é uma parte que representa o todo da natureza humana, corpo e alma. Beda, utiliza esse exemplo para mostrar que a interpretação literal isolada, tomando a carne apenas como um tecido literal, seria insuficiente do ponto de vista cristão. A sinédoque, ao contrário, preserva o sentido integral e cristão da doutrina da encarnação, Cristo assumiu a totalidade da condição humana.

O segundo exemplo, apresentado por Beda, é: “Estávamos, de fato, no navio, duzentas e setenta e seis almas ao todo” (Atos 27:37). A expressão não se refere unicamente ao princípio vital ou espiritual das pessoas a bordo, mas à totalidade dos indivíduos. Mostrando mais uma vez que a escritura utiliza uma parte (alma) para significar o todo (pessoa completa). O emprego de “alma” como sinédoque é recorrente na Bíblia, cabe ao exegeta reconhecer que nenhuma antropologia bíblica pretende dividir ou fragmentar o ser humano nesses contextos narrativos. O reconhecimento do tropo permite evitar interpretações inadequadas.

Beda também apresenta o movimento inverso, a parte expressa pelo todo. No versículo “Então, por causa da Páscoa dos judeus, e por estar perto aquele sepulcro, colocaram Jesus” (João 19:42). O termo Páscoa parece, à primeira vista, referir-se somente à refeição cultural. Contudo, observa-se que bíblicamente, a Páscoa pode

designar conjunto de festejo, incluído calendário. Nesse caso, o todo (festa judaica) é usado para significar especificamente a parte determinada, o sepultamento apressado de Jesus, aqui, a sinédoque é fundamental para a compreensão histórica do episódio.

Nesses três exemplos, Beda mostra que a sinédoque funciona como o princípio interpretativo que sustenta a coerência doutrinal, histórico narrativo da escrita. A sinédoque não é lida apenas como uma ornamentação, mas como ponte entre a expressão concreta do texto e o sentido pleno que o Espírito Santo comunica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, foram examinados os principais aspectos que estruturam a reflexão sobre os tropos na obra *De tropis* de Venerável Beda. Inicialmente, apresentou-se o contexto histórico da retórica, destacando sua formação e sistematização. Em seguida, delinear-se os fundamentos teóricos dos tropos segundo autores como, Quintiliano, Reboul e Lausberg, estabelecendo a base conceitual necessária para compreender as reinterpretações medievais. A partir disso, analisaram-se os tropos selecionados no corpus de Beda, especialmente metáfora, metonímia, e a sinédoque, enfatizando sua definição, funcionamento e finalidade.

A investigação demonstrou que, diferentemente de um tratamento estritamente técnico da retórica, Venerável Beda adapta os tropos para uma finalidade essencialmente hermenêutica, voltada à interpretação das escrituras. Mostrou-se que, os tropos não são apenas ornamentos da linguagem, mas instrumentos teológicos indispensáveis para decifrar o sentido espiritual do texto bíblico. A metáfora permite compreender realidades invisíveis por meio de imagens concretas; a metonímia evidencia relações de proximidade entre eventos, lugares e figuras sagradas; e a sinédoque é usada para interpretar partes que iluminam o todo da economia da salvação.

Conclui-se, portanto, que o artigo demonstrou a convergência entre retórica e exegese na obra de Beda, evidenciando que seu estudo dos tropos não visa somente à persuasão, mas à revelação do sentido profundo das escrituras. Observou-se também que sua sistematização representa uma ponte entre a tradição clássica e a tradição cristã, preservando categorias antigas ao mesmo tempo em que lhes confere nova função. Em síntese, verificou-se que o trabalho de Beda é fundamental tanto para a história da retórica

quanto para a história da interpretação bíblica, e que seus tropos continuam a oferecer um modelo sólido para compreender como a linguagem figurada, significa e transcende o texto sagrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOIOS TEÓRICOS

BEDA, o Venerável (672/673-735): uma biografia. Sacralidades Medievais. Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos/f/beda-o-vener%C3%A1vel-672673-735-uma-biografia>. Acesso em: 21 nov. 2025.

Gil, Antônio Carlos, 1946 **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002

LAUSBERG, H. **Elementos de Retórica Literária**. Trad. R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 1967.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** 1 Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

LÓPEZ-LUCENDO, Cecilia Medina. **Aproximación a la doctrina y la terminología retórica de las figuras de dicción en la tratadística latina tardía**. Madrid, 2016.

REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. – São Paulo: Martins Fontes, 2004, pg. 1-41.

SANTOS, Selene Candian dos. “Recepção e Reformulação da Retórica Clássica na Idade Média (séculos V a XII)”. **Anais Eletrônicos do XXII Encontro Estadual de História da ANPUH**. SP. Santos, SP, 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941 **Metodologia do trabalho científico** — Antônio Joaquim Severino. — 21. ed. rev. e ampl. — São Paulo: Gortez, 2000

SCHLEIERMACHER, Friedrich. “Sobre os diferentes métodos de traduzir”. Trad. Celso Braidá. **Princípios**, v. 14, n. 21 (2007), 233-265.

AUTOR CLÁSSICO

ARISTÓTELES. **Retórica**. trad. Manuel Alexandre Jr., Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2006.

QUINTILIANO. **Instituição Oratória**. Tradução, apresentação e notas: Bruno Fregni Bassetto. Campinas – Ed. Unicamp, 2016.

DICIONÁRIOS

Dicionário latim-português: termos e expressões / supervisão editorial Jair Lot Vieira – São Paulo: Edipro, 2016.

Dicionário latim-português/ Ernesto Farias – 2. Ed. – Belo Horizonte – MG: Garnier, 2020.

ANEXO

TRADUÇÃO DE UMA SELETA DO *DE TROPIS* DO VENERÁVEL BEDA (Halm. *Rhetores Latini Minores*, 1863, 615-618)

Tropus est dictio translata a propria significatione ad non propriam similitudinem, ornatus necessitatis ve causa. Sunt autem tropi, qui Latine modi vel mores interpretari possunt, numero tredecim, videlicet: metaphora, katachresis, metalepsis, metonymia, antonomasia, epitheton, synecdoche, onomatopoeia, periphrasis, hyperbaton, hyperbole, allegoria, homoeosis.

1. De metaphora. Metaphora est rerum verborumque translatio. Haec fit modis quatuor: ab animali ad animal: ab inanimali ad inanimal: ab animali ad inanimal: ab inanimali ad animal. Ergo: Ab animali ad animal ita fit, ut Quare fremuerunt gentes? Et: Dominus qui eripuit me de ore leonis, et de manu ursi. et: Si sumpsero pennas meas ante lucem. Nam et homines et bestiae et volucres animam habent. Ab inanimali ad inanimal, ut: Aperi, Líbano, portas tuas. Et: Qui perambulat semitas maris. Translatio est enim a civitate ad montem, et a terra ad mare, quorum

O Tropo é uma expressão transferida de seu significado próprio para um não próprio, por semelhança, por ornamento ou necessidade. Os *Tropos*, que em latim podem ser interpretados como modos ou maneiras, são em número de treze, a saber: Metáfora, Catacrese, Metalepses, Metonímia, Antonomásia, Epíteto, Sinédoque, Onomatopoeia, Perífrase, Hipérbato, Hipérbole, Alegoria, Homeose.

1. **Acerca da metáfora.** A metáfora é a transferência de coisas e palavras. Esta é feita de quatro modos: Do ser animado para o ser animado; Do inanimado para o inanimado; Do ser animado para o inanimado; Do inanimado para o animado. Portanto: Do ser animado para o ser animado, isso acontece, como “Por que as nações se enfureceram?” [Salmos 2:1] E, “o senhor que me livrou da boca do leão e da mão do urso” [I Samuel 17:37]. Também em: “se eu tomar minhas asas de luz” [Salmos 139 (138): 9]. De fato, os homens, as bestas e aves possuem alma. Do inanimado para o inanimado, como: “abre, ó Líbano, as tuas portas” [Zacarias 11:1]. Também: “os que

nullum animam habet. Ab animali ad inanimal, ut: Exsiccatus est vertex Carmeli. Homines enim, non montes, verticem habent. Ab inanimali ad animal, ut: Auferam a vobis cor lapideum. Non enim lapis, sed populus animam habet. Hic autem tropus et ad Deum fit multifarie. A volucris, ut: Sub umbra alarum tuarum protege me. A feris, ut: Dominus de Sion rugiet. A membris humanis, ut: Quis mensus est pugillo aquas, et coelos palmo ponderavit? Ab homine interiore, ut: Inveni David filium Jesse, virum secundum cor meum. A motibus mentis humanae, ut: Tunc loquetur ad eos in ira sua. Et: Poenitet me hominem fecisse. Et: Zelatus sum Sion zelo magno. Et innumera hujusmodi. A rebus insensibilibus, ut: Ecce ego stridebo super vos, sicut stridet plastrum onustum feno. Qui videlicet tropus et in communi locutione usitatissimus est, cum dicimus fluctuare segetes, gemmare vites, floridam juventutem, et lacteam canitiem.

percorrem os caminhos do mar” [Salmos 8:9]. Pois, a transferência é da cidade para o monte, e da terra para o mar, dos quais nenhum tem alma. Do ser animado para o inanimado, como em: “secou-se a cabeça do Carmelo” [Amós 1:2]. Os homens, na verdade, e não os montes possuem cabeça. Do inanimado para o animado, como em: “Retirarei de vós o coração de pedra” [Ezequiel 11:19]. Em verdade, não é a pedra, mas o povo que tem alma. Este, porém, é o Tropos que Deus se realiza de muitas maneiras. Das aves, como: “me protege debaixo de tua sombra” [Salmos 17 (16):8]. Das feras, como: “o Senhor rugirá a partir de Sião” [Joel 3:16]. Dos membros humanos, como no *Salmo* 16: “Quem mediu as águas com punho e pesou os céus com a palma?” [Isaías 40:12]. Do homem interior, como em: “encontrei Davi, filho de Jessé, homem segundo o meu coração” [Atos 13:22]. Dos movimentos da mente humana: como em: “Então falará com eles em sua ira” [Salmos 2:5]. E: “arrependo-me de ter criado o homem” [Gênesis 6:7]. E em: “tive zelo por Sião, grande zelo” [Zacarias 8:2]. E incontáveis exemplos do mesmo tipo. Das coisas insensíveis, como em: “eis que rugirei sobre vós assim como range um carro carregado de feno” [Amós 2:13]. Este tropo, de fato, é o mais comum na linguagem cotidiana, quando dizemos: os trigais ondulam, as vinhas brotam, a flor da juventude, e a brancura leitosa da velhice.

2. De katachresi. Katachresis est abusus nominis aut verbi, ad significandam rem quae propria appellatione deficit. Haec autem a metaphora differt, quod illa vocabulum habenti largitur, haec, quia non habet proprium, alieno utitur, ut parricidam dicimus qui occiderit fratrem, et piscinam quae pisces non habet. Haec enim nisi extrinsecus sumerent suum vocabulum, non haberent. Huic simile est illud: Pones vectes in quatuor angulis mensae per singulos pedes; et: sextum sagum in fronte tecti duplicis; et: ibi confringit cornua arcuum. Et: Labium illius erat quasi labium calicis, et repandi lili. Pedes quippe et frons et cornu et labium, hominum tantum sunt, et animantium, non etiam rerum insensibilium. Quae nomina, si Scriptura praefatis rebus non imposuisset, quod proprium his diceret, non haberet. Ad hunc tropum pertinet quod scriptum est: Est autem Hierosolymis probatica piscina; a piscibus enim nomen accepit aqua, quae nequaquam propter pisces, sed ad lavandas, ut ferunt, hostias, collecta est, unde Probatice cognomen sortita est.

3. De metalepsi. Metalepsis est dictio gradatim pergens ad id quod ostendit, et ab eo quod procedit id quod sequitur

2. Da Catacrese. A catacrese é o uso impróprio de um nome ou de um verbo para significar uma coisa que não possui uma designação própria. No entanto, ela difere da metáfora, porque aquela atribui um termo àquilo que já tem nome, enquanto esta, como não há termo próprio, utiliza o alheio. Assim, dizemos parricida daquele que matou o irmão, e piscina àquela que não contém peixes. De fato, se essas coisas não buscassem externamente sua denominação, não a teriam. É semelhante a isto o seguinte: “Coloca os ferrolhos nos quatro cantos da mesa, um em cada pé [Êxodo 25:26]; e: “o sexto véu na frente do teto duplo” [Êxodo 26:9], e: “ali quebra os chifres dos arcos” [Salmos 76(75):4]. E: “A sua borda [*labium*] era como a borda [*labium*] de um cálice, e de um lírio aberto” [I Crônicas 7:26]. Ora, pés, fronte, chifre e lábio são tanto de homens quanto dos animais, e não das coisas insensíveis. Esses nomes, se a Escritura não os tivesse atribuído às referidas coisas, não teriam nenhuma denominação própria. Pertence a esse tropo também o que está escrito: “Há em Jerusalém uma piscina probática” [João 5:2]; pois a água recebeu o nome dos peixes, embora [era usada] não por causa dos peixes, mas, (como dizem) para lavar as vítimas [do sacrifício], e por isso recebeu o nome de Probatique.

3. Da metalepse. A metalepse é uma expressão que avança gradualmente até aquilo que ela mostra, e, a partir do que a precede, insinua

insinuans, ut: Labores fructuum tuorum manducabis. Labores enim posuit pro his quae laborando acquiruntur bonis. Necnon et illud: Draco iste quem formasti ad illudendum ei: per draconem diabolus, per diabolum bonus angelus intelligendus est, qualis a Deo formatus est.

4. Metonymia est quaedam veluti transnominatio, ab alia significatione ad aliam proximitatem translata. Hujus sunt multae species. Per id quod continet id quod continetur ostendit, per id quod continetur id quod continet, per inventorem id quod inventum est, per inventum inventorem, per efficientem id quod efficitur, per id quod efficitur efficientem. Per id quod continet id quod continetur, ut: Effundens hydriam in canalibus; aut contra, Accipe litteras tuas; neque enim hydria effundebatur, sed quod in ea continebatur; nec litterae in manus, sed charta quae litteras continet assumitur. Et iterum: Dimitte eam, et vadat, et aspicietis. Non enim arca, sed plaustrum quo continebatur aqua, vel boves qui ducebant plaustrum, ire poterant. Haec et per efficientem id quod fit, et, e contra, per hoc quod fit efficientem designat.

aquilo que a segue; como: “Comerás dos frutos dos teus trabalhos” [Salmos 128(127):2]. Com efeito, colocou trabalhos no lugar das coisas boas, que são adquiridas com esforço. E: “Esse dragão que formaste para com ele brincares” [Salmos 104(103):6]; por dragão entende-se o diabo, e por diabo deve-se entender o bom anjo, tal como foi formado por Deus.

4. Metonímia é uma forma de “transnominção”, uma transferência de significado de uma coisa para outra por contiguidade. Possui muitas espécies. Ela mostra: pelo que contém, aquilo que é contido; pelo que é contido, aquilo que contém; pelo inventor, o que foi inventado; pelo inventado, o inventor; pelo agente, o que é produzido; e, ao contrário, pelo que é produzido, o agente. Pelo que contém aquilo que é contido, como em: “Derramando o cântaro no bebedouro” [Gênesis 24:20]; ou ao contrário: “recebe tuas correspondências”; pois não se derramava o cântaro, mas o que nele estava contido; nem as correspondências (em si) são recebidas nas mãos, mas o papel que as contém é que é tomado. E de novo: “Deixa-a ir, e ela partirá, e vós vereis” [I Samuel 6:8]. Pois não era a arca que podia partir, mas o carro em que a arca era transportada, ou os bois que puxavam o carro. Esses exemplos também representam os casos em que, pelo agente, designa-se o efeito, e, ao contrário, pelo efeito, designa-se o agente.

5. Antonomasia est significatio vice nominis posita: ex accidentibus, videlicet, propriam significat personam; quae tribus fit modis: ab animo, a corpore, extrinsecus. Ab animo, ut: Nunquid non tu percussisti superbum? A corpore, ut: Vir spurius altitudinis sex cubitorum et palmo. Ab elatione enim animi diabolus hic intelligitur superbus. A quantitate corporis, Goliath gigas significatur. Extrinsecus quae sumuntur in plures species dividuntur. Descendunt enim a genere, ut: Nunquid omnibus vobis dabit filius Isai agrum? A loco, ut: Auctorem seditionis sectae Nazaraeorum. Ab actu, ut: Qui autem tradidit eum, dedit eis signum dicens. Ab eventu, ut: Discipulus ille quem diligebat Jesus. Per hunc tropum aliquoties et Dominus ipse demonstratur: a genere, ut: Osanna filio David; a loco, ut: Qui sedes super cherubin apparet; ab actu, ut: Peccavi, quid faciam tibi, o custos hominum!

6. Epitheto est praeposita dictio pronomini. Nam antonomasia vicem nominis sustinet, epitheton nunquam est sine nomine, ut: Dilectus Deo et hominibus Moses. Et: Misericors et miserator Dominus. Et: Justum Loth

5. Antonomásia é a substituição de um nome por outro que o signifique: designa uma pessoa própria a partir de atributos acidentais; e isso se dá de três modos: pela alma, pelo corpo e por elementos externos. Pela alma, como em: “Não foste tu que feriste o soberbo?” [Isaías 51:9] Pelo corpo, como em: “Um homem ímpio, de seis côvados e um palmo de altura” [I Samuel 17:4]. Pois por causa da elevação do ânimo, aqui o diabo é entendido como o soberbo. Pela estatura do corpo, Golias é representado como gigante. [Os nomes] provenientes de fatores externos se dividem em várias espécies: A partir da linhagem, como: “Acaso dará o filho de Jessé a todos vós um campo?” [I Samuel 22:7] Do lugar, como: “O autor da sedição da seita dos nazarenos”. Da ação, como em: “E aquele que o traiu dizendo deu-lhes um sinal” [Mateus 26:48]. Do evento, como em: “Aquele discípulo que Jesus amava” [João 19:26]. Por este tropo, às vezes o próprio Senhor é indicado: Pela linhagem, como em: “Hosana ao filho de Davi” [Mateus 21:9]; Pelo lugar, como: “Tu que te sentas sobre os querubins, manifesta-te” [Salmo 80(79):2]; E como: “Pequei, que te farei, ó guardião dos homens!” (Job 7:20)

6. Epíteto é a palavra colocada junto ao nome. Pois a antonomásia ocupa o lugar do nome, o epíteto nunca está sem o nome, como em: “Moisés, amado por Deus e pelos homens” [Eclesiástico 45:1]. E: “Senhor, Misericordioso e piedoso” [João 1:14]. E: “O

oppressum. Fit etiam epitheton modis tribus: ab animo, a corpore, extrinsecus. His duobus tropis aut vituperamus aliquem, vel ostendimus, vel ornamus.

7. Synecdoche est significatio pleni intellectus capax, cum plus minusve pronuntiat; aut enim a parte totum ostendit, ut: Verbum caro factum est. Et: Eramus vero in nave, universae animae ducentae septuaginta sex. Aut contra, ut: Ergo propter Parasceven Judaeorum, quia juxta erat monumentum ubi posuerunt Jesum.

justo Ló, oprimido” [Atos 27:37]. O epíteto também é feito de três modos: pela alma, pelo corpo e por qualidades externas. Com esses dois tropos, ou censuramos alguém, ou indicamos, ou ornamentamos.

7. Da sinédoque. Sinédoque é uma forma de expressão capaz de significar um sentido completo, mesmo quando diz mais ou menos do que se entende; com efeito, ou mostra o todo pela parte, como em: “O Verbo se fez carne” [João 1:14]. E em: “Estávamos, de fato, no navio, duzentas e setenta e seis almas ao todo” [Atos 27:37]. Ou, ao contrário, a parte pelo todo, como em: “Então, por causa da Páscoa dos judeus, e por estar perto aquele sepulcro, colocaram Jesus” [João 19:42].



Grupo de Pesquisa:
Latinitates – Estudos Clássicos e Humanísticos

www.latinitates.com



Laboratório de Cultura Clássica

Produzido no Laboratório de Cultura Clássica